

AGORA VAMOS ESTUDAR NA ESCOLA DE CAETÉ: UMA NOVA EXPERIÊNCIA PARA AS CRIANÇAS DE MORRO VERMELHO

Valéria Amorim do Carmo¹

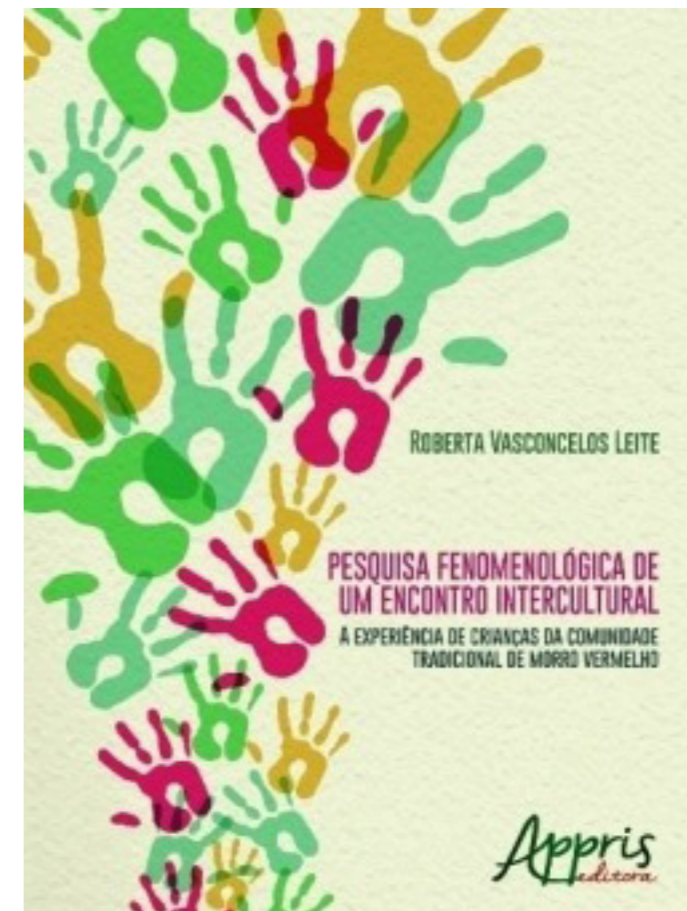
LEITE, Roberta Vasconcelos. Pesquisa fenomenológica de um encontro intercultural: a experiência de crianças da comunidade tradicional de Morro Vermelho. Curitiba: Appris, 2016. 219p.
ISBN 978-85-473-0220-7

Conversar com o texto da Leite (2016) foi um encontro muito gratificante. Dialogar com um trabalho realizado em Morro Vermelho me traz boas recordações, pois o tenho como um lugar de muito apressado desde o início da década de 1980 quando o visitei pela primeira vez. Desta forma é com satisfação que apresento a pesquisa realizada por ela junto com as crianças de Morro Vermelho para desvendar os segredos de uma fase importante na vida escolar deles: a experiência vivida pela travessia de Morro Vermelho para a nova escola em Caeté.

Começamos pela apresentação da autora. Roberta Vasconcelos Leite é mestre e doutora em psicologia social pela Universidade Federal de Minas Gerais. A pesquisa desenvolvida por ela durante seu mestrado e que resultou na obra que tenho o prazer de resenhar tem como título “Pesquisa fenomenológica de um encontro intercultural: a experiência de crianças da comunidade tradicional de Morro Vermelho”. Esta comunidade está localizada no município de Caeté em Minas Gerais. É uma comunidade com cerca de 300 anos e, como muitas das cidades mineiras, tem sua origem ligada à história da mineração.

A experiência vivida foi orientada pela metodologia de pesquisa da psicologia da cultura de orientação fenomenológica que segundo a própria autora é:

Uma modalidade de investigação em que a psicologia se abre a dimensão cultural buscando compreender os processos sem reducionismo, dedicando-se a preservar a complexidade e a diversidade da experiência humana (s/p).



¹ Instituto de Geociências – UFMG. vamorimbh@gmail.com.

✉ Rua Itapema, 105, ap. 901, Bairro Anchieta, Belo Horizonte, MG. 30310-490.

Ela nos apresenta a sua obra em um formato bastante interessante e em minha opinião, muito esclarecedor. Diferente do formato das pesquisas acadêmicas convencionais, ela começa pelo fim, ou seja, a nós leitores são apresentados inicialmente os resultados para em seguida, termos contato com o suporte teórico metodológico que lhe serviu de guia. Quando assim ela o faz, nos conduz, de uma maneira mais clara, ao entendimento das conexões entre sua experiência e seus guias ou referenciais teóricos.

Leite dialogou durante sua pesquisa com diferentes sujeitos entre eles dez crianças e seus familiares. E ela mais uma vez inovou ao se decidir por referir-se a cada um deles usando seu nome verdadeiro e não os identificando por letra, números ou nomes fantasia. Esta atitude foi obviamente acordada entre os participantes e se deu muito em função da relação que foi construída entre eles e a autora durante o tempo em que estiveram juntos.

É importante dizer que esta relação que foi construída com Morro Vermelho e seus moradores têm uma história que extrapola os dois anos do mestrado completado em 2011. Sua experiência tem início cinco anos antes, em 2006 quando ainda estava na graduação. Tal fato vem favorecer o seu trabalho uma vez que mesmo sendo “estrangeira”, a sua entrada aos poucos na comunidade criou um ambiente propício para que as relações entre ela e seus moradores resultassem nesta bela obra que lhes convido agora a conhecer.

Logo na Introdução somos recebidos por alguns de seus moradores que nos apresentam um pouco desse lugar chamado Morro Vermelho. A questão cultural marcada por tradições seculares como os festejos da Cavahada que acontece em setembro em homenagem à padroeira Nossa Senhora de Nazareth e da Encomendação das almas durante a quaresma, encham de orgulho seus moradores. Morro Vermelho conta

ainda com a banda de música mais antiga de Minas Gerais, datada de 1704.

A escola local tem um papel importante na preservação dos traços culturais da comunidade e é uma das responsáveis por trabalhar com as futuras gerações a importância da continuidade da cultura local, não só dentro da sala de aula como também através da participação, tanto dos estudantes quanto dos professores, nas festividades. Mas a escola da comunidade só atende até o 6º ano. A partir daí, as crianças precisam se deslocar até Caeté, sede do município, para dar continuidade à sua formação. E é esta passagem, quando as crianças vivenciam o encontro intercultural, que suscitou a pergunta de pesquisa para Roberta: “Como aquelas crianças formadas em uma comunidade rural tradicional vivenciam o encontro com a alteridade cultural?” (p. 34). E atrelados a este objetivo maior, a pesquisa procura:

aprender a dinâmica da formação das crianças em Morro Vermelho, a partir do contexto educacional; aprender como o impacto vivido ao se inserirem em outro contexto cultural que não o deles; compreender como elas se posicionam na experiência do encontro intercultural (p. 34).

Definidas as questões norteadoras, a autora estabelece, de maneira pertinente, que para alcançar os objetivos a que se propôs, deveria estar ao lado das crianças acompanhando e compartilhando com elas suas rotinas durante o período de uma semana fazendo o caminho de ida e volta entre a casa e a escola em Caeté.

Após esta breve apresentação, vamos acompanhar a autora nesta experiência. Começamos em Morro Vermelho no adro da matriz aguardando com ela e as crianças, o ônibus que nos levará até Caeté. Embarquemos então! Neste capítulo que ela nomeou de “**Agora ele vai sair**” nos é relatado não apenas o caminho até a escola dentro

do ônibus, mas também as sensações e silêncios expressos pelos estudantes, como também os experimentados por ela.

Na companhia de Lohanda, Túlio, Iago, Luiz Vitor, os irmãos Fábio e Fabrício, Adriana, Leonardo e Sônia, Leite, 2016 segue com a responsabilidade de atender aos pedidos feitos por cada mãe para que tome conta do seu filho que pela primeira vez vai sozinho para a cidade. Preocupação, aliás, nem sempre compartilhada pelos filhos, cujos olhares atentos se voltam para outra direção onde novidades como o transporte, a estrada e a nova escola são ansiosamente aguardadas.

As novidades são muitas, mas uma delas a nova organização escolar marcada por várias turmas e matérias chamou bastante a atenção e suscitou certa preocupação entre os estudantes: será que poderão contar com a companhia de seus amigos de Morro Vermelho dentro da sala de aula? Esta preocupação é bastante natural se pensarmos que eles agora estarão em um lugar estranho onde não conhecem os novos colegas. Durante o recreio, enquanto o ambiente da escola lhes é estranho, lá estão eles juntos no centro do pátio a observarem tudo a sua volta.

Continuando a conversa, a autora procurou saber como é a escola de Morro Vermelho? E a de Caeté? Diante dessas perguntas, surgem respostas muito mais relacionadas a juízos sobre aquilo que encontraram: **é legal, é bom, é gostoso**; do que propriamente uma enumeração das características de uma e de outra como era esperado.

Para aprofundar um pouco mais sobre esta transição cultural, a conversa vai na direção de procurar ver como as crianças percebem as diferenças entre uma e outra realidade. Não só mais em relação ao contexto escolar, mas também em relação às pessoas que vivem num e noutro lugar.

Entretanto, a autora se percebe inquieta diante das respostas, não apenas por serem bastante sintéticas, mas por não contemplarem

aquilo que esperava como resposta. Este é um momento importante na pesquisa, pois revelou a ela um aspecto sobre sua própria postura como pesquisadora: a de deixar que sua própria visão e a relação com seu objeto interfira na análise do diálogo com as crianças, ou seja, o receio de que elas deixem passar aspectos relevantes. E, diga-se de passagem, relevantes principalmente na visão da pesquisadora como, por exemplo, a falta das brincadeiras na hora do recreio, pois em Caeté, na visão das crianças, este é o momento de conversa e não de brincadeiras. É preciso que primeiro o novo ambiente se torne familiar para que as crianças possam se abrir à alteridade no encontro intercultural.

Para fechar esta primeira parte, é confrontado o que se descobriu em relação à experiência de transição vivida pelas crianças com o modo com que a comunidade vive sua tradição. A forte tradição cultural/religiosa de Morro Vermelho faz com que a tradição vivida pelas crianças não os tornem fechados, mas o contrário, abertos para necessidade da familiaridade com os de Caeté.

Terminada a apresentação dos resultados da experiência, a segunda parte da obra "**A pesquisa fenomenológica da cultura**", inicia com a investigação da cultura na psicologia social. É feito um resgate do processo de constituição da psicologia social como disciplina científica apoiada principalmente nas produções desenvolvidas no Brasil, com destaque para os trabalhos do médico maranhense Raimundo Nina Rodrigues. Estudos revelam que o ensino da psicologia social remonta a década de 1930. O período até 1960 marca a psicologia social com contribuições vindas de diversas áreas do conhecimento como as biológicas, psicanalíticas, comportamentais, sociológicas e antropológicas, bem como direito, economia, educação e medicina. Outros nomes se destacam como Dante Moreira e Artur Ramos. Até meados da década de 70 há forte influência do positivismo lógico com

supremacia do método experimental e ênfase no comportamento e cognição. De lá para cá, surgem várias correntes como a psicologia crítica sócio-histórica, a psicologia social comunitária e a psicologia social do oprimido. A partir de 1990, resultantes da articulação entre as diferentes correntes filosóficas, podem ser destacadas as vertentes ligadas à temática cultural: a psicologia transcultural, a psicologia sociocultural; os estudos culturais e a psicologia fenomenológica da cultura. Cada uma delas analisada pela autora com um destaque para a psicologia da cultura, corrente a qual se vincula sua pesquisa. E a partir desta, surgem a psicologia histórica francesa de Vernat e Meyerson, a antropologia norte americana de Geertz, a sociologia do conhecimento de natureza fenomenológica de Berger e Luckmann, e a psicologia social de Mead. E destas, com vínculo à fenomenologia de Husserl, surge a psicologia fenomenológica da cultura.

Após esta contextualização, nos é apresentado o referencial teórico-metodológico elucidando os autores guias com os quais dialoga a autora. São eles: Husserl, Stein, Schutz, Berger e Luckmann, Berger e Kellner, Arendt. Além de Halbwachs, Guissane e MacIntyre. Seu extenso referencial se inicia com os fundamentos da fenomenologia clássica seguida pela relação entre formação da pessoa e contexto sociocultural. Em seguida, o diálogo se dá na busca pela compreensão de como a tradição entra na dinâmica da organização da experiência humana. E ao final, o texto discorre sobre a reação de uma pessoa quando ela passa pela experiência sendo uma estrangeira em um território desconhecido.

No capítulo seguinte nos é apresentado o caminho metodológico organizado em três principais momentos que irei comentar a seguir: coleta de dados em campo; transcrição dos relatos e finalmente; análise dos dados.

Ao longo deste capítulo, nos é revelado os procedimentos que se fizeram necessários para viabilizar o trabalho com as crianças. Em 2009 deu-se início às conversas na comunidade com lideranças locais e com a direção da escola para apresentar a intenção da pesquisa. Com o aceite pela escola, a próxima etapa foi a identificação das crianças que estariam finalizando o 5º ano do ensino fundamental. Em seguida, conseguir as autorizações para que fosse possível acompanhá-las não só dentro do ônibus ao longo do trajeto até Caeté como também dentro da escola durante o período do recreio.

Estabelecidos os contatos e de posse das permissões necessárias, partiu-se para a coleta das informações através da observação participante; definição dos sujeitos e constituição do relacionamento com eles e realização das entrevistas semi-estruturadas. A observação participante envolveu não só o momento do ônibus e a presença na escola, mas também a estada em outros espaços comunitários como igreja, casa da banda, Telecentro comunitário, além de ter sido possível pernoitar nas residências de alguns membros da comunidade. Os registros foram feitos utilizando-se fotografia, gravador de áudio e diário de campo.

Ao todo, a pesquisa envolveu 10 crianças com perfis bem distintos não só em relação ao desenvolvimento escolar como também em relação à atuação profissional dos pais e à situação socioeconômica. Ressalta-se que a diversidade constituiu um aspecto favorável para sua pesquisa, uma vez que como mencionou a autora: a multiplicidade de perspectivas singulares pode revelar o que é efetivamente estruturante.

As conversas com as crianças aconteceram de maneira informal em dois momentos: no caminho de volta da escola, ou pela manhã uma vez que a escola era no turno da tarde. Elas foram gravadas e posteriormente transcritas respeitando-se as falas e seus estilos,

acrescida de algumas anotações como expressões corporais, por exemplo.

Na etapa posterior de análise dos dados, Leite se orienta pela proposta do fenomenólogo Van der Leeuw. Ao lermos o que ele nos apresenta como caminho, podemos compreender com maior clareza a travessia empreendida por Roberta em seu trabalho que parte da “nomeação de conjuntos de sentidos com expressões dos próprios sujeitos, para que se mantenha a tensão entre a compreensão e compreensibilidade, entre a subjetividade daquele que dirige a mirada e a objetividade do que se deixa ver” (p. 162).

O “mergulho consciente” feito na vida da comunidade e principalmente, ao acompanhar a rotina diária das crianças coloca autora no segundo tópico da proposta de Van der Leeuw: Inserção metódica na própria vida. Aqui, nas palavras dela, “[...] colhemos as ressonâncias das vivências do outro, somado à busca constante por ampliar o campo de possibilidades a serem problematizadas e reconhecidas no ato da análise” (p. 163).

Quando, nas páginas 63 e 68, é chamada a atenção para o perigo de já possuir previamente uma concepção sobre o modo de ser de Morro Vermelho e do risco que este fato apresenta de interferir na investigação do seu fenômeno de interesse, estamos diante de um momento crucial dentro de qualquer pesquisa de natureza fenomenológica nos colocando no momento necessário suspender toda e qualquer convicção pessoal prévia para que essência do fenômeno se desvele.

Na etapa da elucidação das vivências e clarificação das conexões de sentido existentes nos possibilita entender o que perpassa cada elaboração feita pelas crianças nos colocando mais perto das especificidades do mundo-da-vida daquele grupo. E compreender essas conexões de sentido é o que leva ao que Van der Leeuw chama de **experiência Tipo**, que se revela como essência nos

elementos constitutivos do fenômeno estudado presentes em meio à multiplicidade de manifestações desse mesmo fenômeno. Mas a identificação e compreensão do Tipo não pode ser o ponto de chegada devendo então ser constantemente confrontado com os dados originais, com o campo e com os sujeitos além do referencial teórico e com os pares acadêmicos.

E por fim, a reconstrução da experiência vivida para que seja possível dar testemunho do fenômeno, permitindo o acesso de terceiros à compreensão da vivência alcançada. Dar testemunho como forma de cuidado com aquilo que é.

No capítulo seguinte nomeado como “**A direção de nossos passos - reconstrução da vivência**”, Roberta costura os capítulos anteriores procurando deixar claro como o referencial teórico e a metodologia orientaram a reconstrução da vivência. Com a ajuda de MacIntyre e Guissane, percebeu que o encontro com o novo é marcado pela formulação de juízo e avaliação e que a avaliação é capaz de promover a resignificação do que é já conhecido. Os três momentos do exercício da fenomenologia de Van der Leeuw: nomeação, inserção metódica na própria vivência e a epoché foram apreendidos como inseparáveis pela autora principalmente, quando ela se vê às voltas de atentar para o fato de ser uma estrangeira em Morro Vermelho e colocar em suspensão suas perspectivas em relação ao fenômeno. E a conexão entre diferentes níveis de experiência seja em Morro Vermelho, seja em Caeté é feita pela constituição de relacionamentos. Ter amigos na escola, assim como ter amigos em Morro Vermelho é aspecto de abertura das crianças para a alteridade cultural no seu novo contexto.

Por isso, sintetizamos a vivência de cada criança identificando e exigência por familiaridade como tensão que se apresenta na experiência, à qual elas precisam responder pessoal e

coletivamente, configurando assim o mundo que as cerca e (co) construindo seu próprio desenvolvimento (p. 175).

No capítulo final da primeira parte, confronta-se os resultados alcançados na pesquisa com as crianças com os trabalhos que já realizou em Morro Vermelho pensando na possibilidade de, a partir daí, chegar ao entendimento do modo de ser de Morro Vermelho. Isto porque, apoiada em Berger, Berger e Luckmann, Berger e Kellner, é possível comparar a vivência da criança à vivência coletiva da comunidade uma vez que compartilham, em comunidades tradicionais, o mesmo universo simbólico. Com Guissani e Halbwachs avançou-se no reconhecimento da tensão a um horizonte de totalidade como característica da formação tradicional. E com Schutz sabe-se que a tensão à familiaridade é o ponto de superação da situação de estrangeiro. Portanto, quando as crianças buscam a familiaridade através da conquista de novas amizades, eles estão se apropriando de um recurso que poderá promover o acesso aos bens que são característicos da sociedade urbana.

Retornando à segunda parte, o capítulo 10 é dedicado inicialmente ao diálogo proposto com as pesquisas desenvolvidas dentro do campo da psicologia social e posteriormente com as outras áreas afins. Este diálogo principalmente com a psicologia social está relacionado com os objetivos específicos: a **formação** na comunidade rural; a **elaboração** realizada pelas crianças ao inserir em si em um contexto social diverso; **posicionamento** dos membros das comunidades tradicionais no encontro intercultural (grifos da autora). Para cada um dos objetivos, ela apresenta pesquisas que se relacionam com a sua procurando analisá-las tanto em relação a pontos convergentes quanto divergentes.

Em relação ao primeiro objetivo, o diálogo se deu com o trabalho de Bosomo e Sousa sobre como membros de uma comunidade Rural do sudeste brasileiro representa o seu próprio contexto de formação em comparação ao ambiente urbano da cidade vizinha. Para o segundo objetivo específico, o trabalho de Barbosa visando compreender a dinâmica da socialização secundária, ela trabalhou com um grupo de crianças de 6 anos que acabavam de entrar na escola. Em relação ao terceiro objetivo como companhia, foi eleito o trabalho de Mahfoud sobre os vários mundos da vida de migrantes advindos do meio rural baiano para a cidade de São Paulo e como eles respondem a esse contexto social.

A seguir lança-se não da experiência adquirida em trabalhos anteriores em Morro Vermelho para verificar se a dinâmica que foi apreendida na pesquisa, também dialoga com quadros socioculturais mais amplos. Inicialmente procurando entender como a vivência de algumas crianças no encontro intercultural dialoga com a herança em termos de traços históricos culturais característicos do momento em que surgiu o povoado. O que se constata ao final é que a totalidade, como exigência fundada, está presente tanto nos adultos quanto nas crianças fazendo-os tomar as rédeas da edificação do corpo social. Eles se familiarizam com o que é novo sem abandonar o que é próprio de sua tradição.

Chegamos ao final deste diálogo com a sensação de abertura e de significativa contribuição de sua pesquisa aos estudos daqueles que se interessam por pensar a questão cultural de comunidades tradicionais diante da possibilidade ou mesmo necessidade, como é aqui o caso, do encontro com o outro. 